

# “A Morada é uma curandeira”: o *feminino* enquanto *força*

LUIZA DIAS FLORES

Apresento aqui parte do material de minha tese de doutorado em desenvolvimento, uma etnografia junto a Comunidade *kilombola*<sup>1</sup> Morada da Paz, formada majoritariamente por mulheres negras. O argumento que desenvolvo pauta-se por uma provocação ao pensamento produzida por algumas feministas descoloniais (LUGONES 2008, 2011; OYERÚMÍ 2017) que compreendem os sistemas de gênero, e sexo, como imposições oriundas do processo colonial. Aproximo-me de Oyerùmí (2017) quando argumenta que seria possível romper com uma percepção universalista e totalizadora do gênero, sistema de poder e de hierarquização de características socialmente atribuídas, como uma categoria de análise para a compreensão de toda e qualquer cultura e povo.

A autora desenvolve seu trabalho com a cultura iorubá na Nigéria e defende a tese de que não existia relações de gênero antes da chegada do poder colonial e que foi a presença forçada e violenta dos colonizadores em terras iorubanas que inventou mulheres e homens. Mas atenta para uma dimensão ainda mais complexa que é, sobretudo, da produção de conhecimento. Não nega a relevância do gênero nas produções de conhecimento, principalmente em detrimento do encontro colonial, mas questiona sua utilização enquanto um artefato analítico universal, a partir daqueles com os quais trabalhou e que pensavam-se a si próprios através de outros meios. Por isso, inscreve o debate de gênero em uma história dos discursos, entendendo sua suposta universalidade também como uma forma colonialista oriunda do feminismo branco, e questiona qual outra “cartografia social” se apresentava entre o povo Oyó-iorubá.

O ponto central, me parece, é que, para ela, o Ocidente produz e reproduz o sistema de gênero, que estabelece uma relação substancializada com as definições corporificadas a partir de preceitos biológicos, ainda que deseje romper com o sexo. Segundo ela, as diferenças sexuais não derivam características socialmente atribuídas e hierarquicamente organizadas, pois o corpo generificado não eram a base dos papéis sociais, nem o fundamento da identidade. As relações de hierarquia que se manifestavam na cultura iorubá eram de senioridade e não de gênero, o que fazia com que as relações mudassem

---

1 Afirmando-se *kilombolas* e não *quilombolas*, como um modo de recuperar o sentido dado ao termo na língua banto, como fortaleza, união. Utilizam-se deste termo também como uma contraposição às designações do Estado, como chamam “a língua do colonizador”, afirmando-se sobreviventes e não “reminiscentes de antigos escravos”.

radicalmente de acordo com quem se interagia – se mais novo ou mais velho -, assim como a posição do próprio sujeito alterava ao longo do tempo, muito além da polaridade homem e mulher que ela atribui um valor estático frente a variação etária.

Ela nos diz ainda que a organização social do mundo a partir de preceitos biológicos e essencialistas é uma questão do ocidente, assim como o outro lado desta mesma moeda, ou seja, a necessária denúncia dessa organização que o conceito de gênero engendra e provoca. Em momento algum rechaça a importância deste conceito, que percebe como fundamental para compreender e denunciar as investidas coloniais. Porém, questiona sua universalidade e deixa uma provocação ao final de seu livro às pesquisadoras e pesquisadores da cultura iorubá, mas que, acredito, pode ter maior extensão:

Perguntas como “por que se vitimiza ou subordina as mulheres?” ou “qual é a divisão sexual do trabalho?” não são perguntas de primeira ordem em relação à terra Yorubá, porque ambas pressupõem o gênero. Algumas perguntas básicas para alguém que tiver interesse na análise da organização social, poderia ser “qual é a concepção yorubá da diferença? O corpo se utiliza como evidência nesta concepção?”. Um investigador ou investigadora com curiosidade sobre a diferença e a hierarquia poderia perguntar “o que constitui uma diferença na terra yorubá?” (2017: 288-289, tradução minha)

O questionamento da autora sobre a relevância do gênero como um artefato analítico universal me fez pensar, também, em que medida outras formas de experiência, sentido e diferença são produzidas com os próprios termos *feminino*<sup>2</sup> e *masculino*, muito além do modo como o pensamento ocidental, sobretudo o feminismo branco, o concebe através do sistema de gênero e sexo. Acredito que a Morada da Paz nos apresenta outras relações.

## As que ficaram

Assim que a conheci, definia-se como *comunidade kilombola feminina sustentável e espiritual* Morada da Paz. Situada no interior do Rio Grande do Sul, na zona rural, há 60 km da capital gaúcha, é formada majoritariamente por mulheres negras e seus filhos e filhas. Dedicava-se sobretudo a viver a *espiritualidade*, que na comunidade é chamada de *afrobudigena*, pois trata-se da articulação de três matrizes centrais, a saber, o budismo tibetano mahayana, as religiões de matriz africana e o xamanismo mbyá-guarani. Todas e todos os moradores do território consideram-se filhas e filhos de uma preta velha, a Mãe Preta, também chamada de *Yaba ancestral*, e de um exu, Exu-Rei, também chamado de Seu Sete.

São estas *entidades*, sobretudo, mas não unicamente, que guiam a comunidade e todas e todos aqueles que dela participam e manifestam-se através dos processos de *incorporação* em Ys., *Ya* da comunidade. A comunidade é formada por diferentes grupos de acordo com o tempo de dedicação à vida espiritual. Há as *Yas* e *Baba*, as mães e pai da comunidade e fundadores, que são quatro mulheres e um

---

2 Aproveito para trazer informações sobre as convenções gráficas adotadas no texto. A pedido das mais velhas da comunidade, todos os nomes serão abreviados. Os termos, expressões e frases elaboradas pela comunidade estarão em itálico, com frases longas postas entre aspas duplas. Conceitos e frases citadas de autores serão postas somente entre aspas simples. Expressões que eu desejo enfatizar estarão em aspas simples.

homem; três *egbomis*, as irmãs mais velhas; as e os *iaôs*, novas iniciadas e iniciados que atualmente são oito. Além destes, há os *omadês* (crianças), os *odomodês* (adolescentes) e os *pitocos* (crianças de até cinco anos). Todos moram na comunidade.

El., também *Ya*, ao relatar como a Morada da Paz começou, disse que não se consideram feministas e nunca se propuseram ser uma comunidade formada majoritariamente por mulheres. Ao contrário, inicialmente havia um número equilibrado de homens e mulheres. Também não se propuseram a ser uma comunidade negra, *por ideologia*, ainda que a maior parte dos integrantes desde sempre fossem negros. O que as constitui enquanto coletivo é sobretudo o que chamam *espiritualidade*, desde o início da comunidade em 2001, e até mesmo antes disso, quando em 1998 iniciaram o Grupo Cosmos<sup>3</sup>. Porém, ainda que iniciada de forma mais equilibrada no que consiste a gênero, são elas, mulheres negras, *as que ficaram*. Esta expressão funciona como um "ritornelo"<sup>4</sup> na narrativa das mais velhas. Em todos os momentos em que são convidadas a falarem de si, contam que em um dado momento, cujo marco temporal é 2005, "*nos demos conta de que somos as que ficaram*".

Narrar-se assim funciona como um ato conclusivo de um percurso feito – um dar-se conta de como são e onde estão –, mas também como um ponto inicial de um percurso a ser realizado – uma percepção do que se pode fazer a partir disso. Ser "*as que ficaram*" é para onde voltam-se constantemente e cada retorno realizado impulsiona a produção de novos percursos criativos na construção coletiva da Morada da Paz. Destaco aqui a conquista da certificação de autorreconhecimento como comunidade quilombola obtida pela Fundação Cultural Palmares em 2016 e a constatação de que a Morada é uma comunidade *feminina* que atua como uma *curandeira*.

Fato é que essa narrativa, *as que ficaram*, não é incomum no relato de mulheres negras, fruto do abandono de seus cônjuges e dos preterimentos que sofrem em uma sociedade racista (PACHECO 2013; SOUZA 2008). Porém, as mais velhas não inscrevem sua constatação e reflexão na lógica do 'abandono'<sup>5</sup>. Quando narram suas histórias, "*somos as que ficaram*" emerge como constatação de resis-

3 O grupo Cosmos foi fundado por Ys. e outras pessoas. As fundadoras da Comunidade da Paz também participavam do grupo Cosmos, criado em 1998, e foi através dele que a Morada da Paz se originou. Tratava-se de um grupo de estudo sobre a mediunidade situada em Porto Alegre.

4 "O ritornelo merece duas vezes seu nome: em primeiro lugar, como traçado que retorna sobre si, se retoma, se repete; depois, como circularidade dos três dinamismos (procurar um território para si = procurar alcançá-lo). Assim, todo começo já é um retorno, mas implica sempre uma distância, uma diferença: a reterritorialização, correlato da desterritorialização, nunca é um retorno ao mesmo. Não há chegada, nunca há senão um retorno, mas regressar é pensado numa relação avesso-direito, recto-verso com partir, e é ao mesmo tempo que se parte e se regressa. Por conseguinte, há duas maneiras distintas de partir regressar, e de infinitizar esse par: a errância do exílio e o apelo do sem-fundo, ou então o deslocamento nômade e o apelo do fora (a terra natal sendo apenas um fora ambíguo: MP, 401). São duas formas de distanciamento de si: dilaceramento do si ao qual não se cessa de retornar como a um estrangeiro, uma vez que ele está perdido (relação do Exilado com o Natal, incluído no 2º tempo da primeira tríade); extirpação de si ao qual só se regressa como estrangeiro, desconhecível ou tornado imperceptível (relação do Nômade com o Cosmo, 3º tempo da segunda tríade)" (ZOURABICHIVILI 2004: 51). Uso o conceito de ritornelo da obra de Deleuze e Guattari da forma menos comprometida possível. O que me agrada na elaboração desse conceito é a ideia de um retorno possível de ser estabelecido e que, contudo, nunca é o mesmo. Penso que a afirmação "somos as que ficaram", em todas as narrativas elaboradas pelas Yas funcionam como um ritornelo, um retorno a uma condição compartilhada que é bastante frágil, pois, como sempre nos dizem, os questionamentos e as reflexões sobre suas escolhas de vida estão sempre presentes. Dizer-se a que ficou é, de alguma forma, afirmar essa posição que não é permanente, nem estática, mas uma escolha. É reconstruir os termos da sua permanência. Dessa forma, é um retorno a um território que é sempre retraçado, ou seja, um novo território.

5 Os homens que saíram da comunidade assim o fizeram por diferentes motivos e, apesar das diferenças, as falas recorrentes sobre suas saídas são "*não souberam lidar com a vida em comunidade*" e "*não souberam lidar com as autoridades femininas*".

tência<sup>6</sup> pois foram aquelas que permaneceram nos *propósitos espirituais*. Levando isso em consideração, pretendo aqui desenvolver como emerge a partir destas mulheres uma teoria singular do que é o *feminino*, que configura um modo de atuar no mundo.

## O *feminino* e o *masculino*

Estávamos na cozinha, em diferentes funções de organização do espaço. Iniciamos uma conversa, em meio a risadas provocadas pela observação das crianças na mesa que divertiam-se com os alimentos. Falávamos sobre educação familiar, os papéis das figuras maternas e paternas na educação da criança e adentramos, por fim, a uma longa conversa sobre o que seria a *energia* (ou *força*) do *feminino* e do *masculino*. O *feminino* e o *masculino* são compreendidos na comunidade como *energias* ou *forças* que constituem todos os sujeitos, independente de sexo ou gênero. A busca constante é pelo equilíbrio dessas *forças* e uma grande constatação coletiva é de que há um profundo desequilíbrio dessas *energias* no mundo. Assim que eu iniciei minha relação com a Morada da Paz, Ys., *Ya* da comunidade, me apresentou todos os integrantes. Bg., Baba e único homem entre as mais velhas, me foi apresentado como “o homem mais *feminino* que existe”. Isso, é importante dizer, nada tem a ver com sexualidade ou com qualquer performatividade específica - possíveis atos, ações, comportamentos associados à feminilidade.

O *feminino* e o *masculino* em questão têm a ver com uma percepção de complementariedade, e o esforço é para que essas *forças* sejam equilibradas. São também designadas através dos Orixás, pois como disseram, “os Orixás também são *femininos* e *masculinos*”<sup>7</sup>. Nessa conversa que tivemos na cozinha, estavam Yb, também *Ya* da comunidade, Tj., Or., Bm. e eu. Or. sendo o único homem da conversa. Tj. me explicou que o *masculino* é mais vinculado ao poder de ação, à força física e o *feminino* mais vinculado à intuição, acolhida e cuidado. Bm. complementa, dizendo que também há o cuidado no *masculino*, ainda que seja de outra forma. Contudo, a delicadeza, a atenção aos detalhes, seriam características do *feminino*.

Questionei se existe alguma relação entre a *força* do *feminino* e mulheres e a *força* do *masculino* e homens. Tj. comenta que entende a mulher como uma espécie de ‘materialização’ da *força* do *feminino* e o homem como a ‘materialização’ da *força* do *masculino*. Por isso, diz ela, a Morada desenvolve o *trabalho dos homens* e o *trabalho das mulheres*, para que possam se alinhar respectivamente com a *energia* do *masculino* e do *feminino*. Mas logo Yb., casada com Bg., complementa: “É gente, e tem momentos que a gente que é mulher tem mais a *força* do *masculino* que do *feminino*. A gente pode perceber isso nas

---

6 Entendo resistência não como uma oposição crítica ou reação a um poder instituído, mas como atos de criação de outras formas de existência.

7As entidades com as quais a Morada da Paz trabalha são, majoritariamente, oriundas do Panteão Africano. Contudo, há também outras que se manifestam: entidades do espaço, também conhecidos como extra-terrestres, os elementares, que habitam os elementos da natureza – fogo, terra, água e ar -, almas santas, mestres ascensionais e ascensionados, entre outros. Há o caso, no panteão africano, de Oxumaré, que apresenta-se como metade homem e metade mulher, mas essa entidade nunca vi se manifestar na comunidade.

*nossas relações de casal*". Ou seja, as relações entre *força* e gênero – enquanto características socialmente atribuídas – existem, mas são sempre parciais<sup>8</sup>.

"O masculino é o poder ativo e o feminino é o poder passivo e não é que um seja melhor que o outro, ao contrário, o equilíbrio dos dois que é importante", lembra Or.. "O masculino é a força do caçador, que vai trazer a caça pra sua família", "é a força de Ogum que é guerreiro e que vai desbravar", já "o feminino tem a ver com zelo, como o cuidado das mães das águas", dizem as demais. Mas existe Oyá que é um orixá feminino da guerra, digo. Todas concordam e Yb., como um modo de diferenciar Oyá dos demais "Orixás de frente", que são os Orixás guerreiros, salienta: "mas pode ver, ela usa da sensualidade na guerra, por isso que dança assim" - e mostra-me com seu corpo o modo como Oyá dança. O que dá a entender, portanto, que a sensualidade é um dos atributos do *feminino* e uma arma de Oyá.

Porém, mesmo que em um primeiro momento o *feminino* seja vinculado a ideia de cuidado, cura e acolhimento e o masculino a ideia de desbravamento, ação e enfrentamento, é interessante perceber, a partir do panteão africano trabalhado na comunidade, que os termos se embaralham e se complexificam, em que as relações binárias mostram-se profundamente múltiplas. É verdade que as *entidades* são associadas a essas respectivas ações no mundo. Mas se analisarmos o modo como elas fazem-se presentes ou são acionadas no cotidiano da comunidade, podemos perceber que existem três campos de atuação centrais que constituem ambas as *forças* – eu designo como a guerra, o acolhimento e a limpeza/sexualidade.

No âmbito do *feminino*, as entidades guerreiras são Obá, Oyá, Cabocla Jurema – ainda que haja também algumas Oxuns e Yemanjás –, no âmbito *masculino* – Ogum, Xangô, uma série de caboclos e também Oxaguiã. As mães d'água – Oxum, Nanã e Iemanjá – e as pretas-velhas estariam mais associadas ao cuidado e ao acolhimento, assim como os pretos-velhos e Oxalá. As Pomba-giras e Exus são as entidades acionadas em qualquer situação que demande limpeza, principalmente no início – e as vezes ao final – de ritos realizados. Contudo, no quesito sexualidade são as Pomba-giras as *entidades* acionadas, tanto para trabalhar com mulheres, quanto com homens. Sei que é preciso ter cuidado com essas designações, pois qualquer pessoa da comunidade colocaria a questão de que Xangô também acolhe e cuida dos seus filhos e Mãe Preta também guerreira contra as *energias densas* que acometem os corpos dos sujeitos, por exemplo, ainda que Xangô esteja mais para a guerra do que Mãe Preta. E aí reside a complexidade dos termos.

Há uma relação entre corpo e essas *forças* que não passa pelos aspectos biológicos, ainda que se relacione com eles. Para a Morada da Paz as *forças* do *feminino* e do *masculino* estão vinculadas ao *chakra básico*, constituinte de todos os corpos, localizado diretamente no final da coluna vertebral – conheci-

---

8 As múltiplas imagens por onde o *feminino* e o *masculino* se apresentam são formas, são códigos através do qual a Morada habilmente mobiliza forças, tal como o faz o artista plástico, nas palavras de Deleuze e Guattari (1997: 134): "Cada forma é como o código de um meio, e a passagem de uma forma a outra é uma verdadeira transcodificação. Mesmo as estações são meios. Há aí duas operações coexistentes, uma através da qual a forma se diferencia de acordo com distinções binárias, outra através da qual as partes substanciais enfermas, os meios ou estações, entram numa ordem de sucessão que pode ser a mesma nos dois sentidos. Mas, sob essas operações, o artista plástico arrisca uma aventura extrema, perigosa. Ele ventila os meios, separa-os, harmoniza-os, regulamenta suas misturas, passa de um a outro. O que ele afronta assim é o caos, as forças do caos, as forças de uma matéria bruta indomada, às quais as Formas devem impor-se para fazer substâncias, os Códigos, para fazer meios. Prodigiosa agilidade".

mentos oriundos da matriz budista que constitui a espiritualidade *afrobudígena* da comunidade. O *chakra básico*, me ensinaram, é aquele responsável pela “*conexão com a Terra*”, com a energia vital, impulso criativo e sexualidade e corresponde à saúde dos órgãos sexuais. É para ele que se volta a atenção durante o *trabalho dos homens e das mulheres*, ritual específico e aberto a pessoas externas que ocorre no território. Os lugares onde esses trabalhos ocorrem são diferentes, havendo um espaço para o *trabalho dos homens* e outro para o *trabalho das mulheres*. Também não acontecem nos mesmos momentos, variando conforme a lua: na lua cheia ocorre o primeiro e na lua crescente o segundo. Eu nunca participei dos *trabalhos dos homens*, aliás, a nenhuma mulher é dada essa possibilidade, apenas quando esteja *dando corpo* para a manifestação das *entidades*. São orientados e conduzidos por Ogum Beira-Mar, manifestado em Ym., *Yá* da comunidade, e por Ogum de Malê, manifestado em Ak., *egbomi* (irmã mais velha) da comunidade. Porém, volta e meia o *trabalho dos homens* conta com a participação e condução da pomba-gira Elo, que se manifesta em Ys., também *Yá* da comunidade.

Participei, portanto dos *trabalhos das mulheres*. Estes são conduzidos pelas pombas-giras *alinhadadas*, ou seja, que trabalham junto, com a pomba-gira Elo, uma das *entidades* que se manifesta em Ys.. Para este ritual, o uso da saia é um dos elementos centrais, pois, dizem, direciona a conexão do *chakra básico* com a Terra. Segundo El., em um desses trabalhos, trata-se de um espaço de fortalecimento e cuidado entre mulheres. E, principalmente, é um espaço de resistência. Uma “*resistência*”, disse, “*que não é para agredir o outro, mas para afirmar quem somos*”. Parte essencial desse processo é a reverência feita à *ancestralidade* e a atenção aos seus efeitos: “*Somos todas sementes, sementes que foram lançadas à terra por essas mulheres*”, referindo-se às mães, avós, bisavós, “*somos árvores*”.

Em um destes momentos, de olhos cerrados e concentradas, começamos a respirar longa e lentamente sob os comandos de Ys.. Eis que começa a falar de modo bastante incisivo: “*acessem a bruxa que há em vocês! Sintam! Isso não é de vocês! Permitam que essas sensações tomem conta do seu corpo! Vocês são bruxas! Filhas, netas de bruxas! Então sejam!*”. Nesse momento, as *incorporações*, como são chamadas as manifestações das *entidades*, começaram a ocorrer. Foi a primeira vez que ouvi o termo *bruxa* na comunidade Morada da Paz.

Em outro momento ritual, durante um dos *trabalhos* da *Gira de Amotara*<sup>9</sup>, uma fala semelhante foi produzida. Uma fala com o intuito de provocar algo, provocar o surgimento, o *acesso à bruxa* que existe em cada uma das mulheres que ali estavam. “*Todas nós somos bruxas, aprendemos com nossas ancestrais a sermos bruxas*”, disse Ys.. Instigando-nos, com intensidade, solta uma profunda e alta gargalhada. Já não era mais Ys., era a Pomba-gira Elo. Com ela, veio também Pomba-gira Rainha, manifestada em Ym., e a pomba-gira Cigana, manifestada em Ak.. Elo, Rainha, Dama da Noite, Mulambo, Cigana e Padilha – *entidades* que se manifestam nas *Yas* e *egbomis* – trabalham conosco durante o *trabalho das mulheres*. Elas ensinam, nas mais diversas situações, a importância do amor-próprio, do empoderamento e autonomia sobre seus corpos, ensinam sobre os cuidados necessários referentes à sexualidade e atuam, muitas vezes, como conselheiras para as relações conjugais. Sempre que estão pre-

---

<sup>9</sup> A Gira de Amotara foi um trabalho direcionado para mulheres e acontecia em um local na cidade de Porto Alegre. O nome foi assim designado porque a orientação dada por Mãe Preta foi de que as mulheres “*precisavam se encontrar e girar*”, sem maiores orientações. O nome Amotara foi cunhado em homenagem aos povos indígenas, que significa amor a todos.

sentes, ensinam às mulheres o poder de se usar um *rubro*, um batom vermelho, e perfumar-se. Perfume e batom tornam-se não apenas elementos cosméticos, mas *elementos de poder*, quando cuidadosamente *preparados* pelas giras, que atuam no fortalecimento dos corpos daquelas que usam.

O *trabalho* desenvolvido por Elo se dá em muitas escalas, e isso é importante ressaltar. Das giras que se manifestam na Comunidade Morada da Paz é comum serem designadas como *alinhas* com a Pomba-gira Elo. O *alinhamento* consiste em um trabalho que a própria Elo realiza de *recuperação* das giras. Me disseram, certa vez, que Elo adentra os espaços *mais densos* para recuperar essas giras que realizam trabalhos por trocas materiais e que *servem a todos os lados*. Portanto, Elo trabalha na *recuperação* de não-humanas, as giras, e nos aconselhamentos e trabalhos com as humanas que procuram a Morada em momentos rituais como esse narrado. Mas também nos traz notícias e estabelece conexões com mulheres (humanas e não-humanas) de longe, que precisam ser lembradas e fortalecidas.

Um exemplo disso, também ocorrido durante a *Gira de Amotara*, quando Elo nos questionou: “*quantas de vocês sentiram-se sozinhas, solitárias, nos últimos dias?*”. A concordância silenciosa foi generalizada. Até que ela comentou: “*essa solidão não é apenas de vocês. O modo como ela se manifesta é a partir de lembranças da vida de cada uma, mas a solidão que vocês sentiram é a solidão das muitas mulheres vítimas de violências e injustiças espalhadas pelo mundo todo*”. Comentou que por toda a América Latina há tentativas de esterilização dos corpos das mulheres, medicinas que, sem seus consentimentos, as impedem de terem seus filhos. Comentou também sobre as mortes, as violências e os abusos cometidos contra as travestis e as transexuais. Provocou-nos a pensar sobre a solidão que sentíamos e a nos colocar em sintonia com essas mulheres, para emanarmos *energias* capazes de fortalecer os seus corpos.

Sua fala contagiava-nos e nos engajava em atos de *cura*. A solidão, que poderia ser tratada de forma individual, foi coletivizada. E, mais do que isso, foi motivo de um *trabalho espiritual* prático, ao emanarmos *energias* a outras mulheres. Afinal, ao conceber aquelas que ali estavam como *bruxas* capazes de realizar atos de *cura* – para si e para outras –, as transformou de ‘vítimas’ da solidão à protagonistas capazes de *transmigrar*, conceito que tratarei mais adiante, este sentimento.

## Anunciamento

Todo ano, no mês de junho, acontece um ritual aberto às pessoas externas chamado *Terreiro de Chão Batido*. É um rito em que, segundo me informaram, *Exu passa para Xangô* - ou seja, passa a regência do tempo para Xangô. Afinal, para a Morada da Paz, a cronologia do tempo - dias, meses e horas - é regida pelos Orixás. Dizer que *Exu passa para Xangô*, implica em atentarmos para tudo que possa acontecer naquele mês a partir do que Xangô, senhor da verdade e da justiça, manifesta. Quando eu participei pela primeira vez do *Terreiro de Chão Batido*, fui ensinada por El. e Ym. de que esse rito tem por finalidade a *celebração dos povos da terra*. A celebração, portanto, das sabedorias e resistências dos povos negros e dos povos indígenas.

Cada *Terreiro* possui um tema e, no ano de 2016, o tema foi *O fortalecimento do Akaã*, conceito senegalês que significa *poder da resiliência e da regeneração*, conforme nos disse Ys.. Tendo isso em vista, foram organizados *ipadês*, como são chamadas as rodas de conversa, mobilizados por diferentes assun-

tos. Dentre eles, havia um chamado *Rota das pomba-giras* onde aconteceram importantes reflexões. Esse *ipadê* contou com a participação especial de J., uma amiga da comunidade, militante feminista de um partido político, moradora da cidade de Alvorada – localizada na região metropolitana de Porto Alegre. Ela esteve presente nas manifestações ocorridas em Brasília contra o golpe parlamentar, que consistiu na saída da presidenta Dilma Rousseff, do PT de seu cargo e a tomada do cargo pelo seu vice-presidente, Michel Temer, do PMDB.

Após o término da atividade, as mais velhas que participaram deste *ipadê* estavam bastante pensativas e comentaram conosco algumas de suas reflexões a partir dos relatos de J.. Ym. nos disse que sentia que Xangô, a força da justiça, era uma energia vinculada às mulheres. A partir da sua experiência de vida e sua trajetória, havia visto só mulheres, pelo menos a maior parte, incorporarem essa *entidade* e disse: “*Parece que esta força está nas mulheres, é força feminina*”. Engajada em um mesmo processo reflexivo, El. retomou a narrativa de J. num comparativo com as práticas desenvolvidas pela Morada da Paz. Segundo J., houve um momento em que estava em cima do carro de som puxando a mobilização. Quando a polícia veio para atacar, todos os homens brancos presentes fugiram e deixaram as mulheres, os indígenas e os quilombolas na linha de frente. El. olha para a comunidade e nota que são exatamente essas *forças* que estão sendo mobilizadas ali. A maioria mulher, grande parte negra, em um território *kilombola* e com muita participação das *entidades* indígenas, dos caboclos que ali se manifestam.

J. participou da tentativa de ocupação do gabinete da presidência durante a manifestação, e narrou seu sentimento de solidão quando os policiais adentraram, agredindo-a com chutes, spray de pimenta e outros aparatos repressivos. El., ao narrar esses fatos, comentou: “*que bom que podemos ser um portal de acolhimento para esses militantes que fazem a frente dos movimentos*”. Assim, a Morada exerce o papel de um “*espaço de cura*”, recebe essas militantes e auxilia na “*reconstrução de seus corpos espirituais*”. Mas também teceu alguns paralelos entre a luta travada por J. contra o aparato policial e as lutas travadas pela Morada no território. Disse a nós que a Morada não está na linha de frente, junto com os *militantes*, pois a Morada não se propõe a isso. Como diz Mãe Preta, “*a Morada não é do enfrentamento, é do anúncio*”, porque anuncia um *outro mundo possível*. Contudo, tem uma ação semelhante aos *militantes* nos chamados *trabalhos de transmigração*, onde se vê e se lida com muitos *seres e energias densas*, tanto quanto quem está no enfrentamento com a polícia.

Pois se a Morada não é do *enfrentamento*, é importante salientar que também guerreia. Contudo, a luta em que a Morada se engaja é outra e podemos perceber isso através do *rito das Geledés*. Todo mês de março é comemorado o *Ano Novo Solar*<sup>10</sup> e em 2016 foi um início de ano singular, pois se realizou o *rito das Geledés*. Há quatro anos preparavam-se para a execução desse rito, de origem iorubá. É desempenhado só por mulheres e se propõe ao culto da *força da ancestralidade feminina guerreira*. Quem trouxe esse rito aos cuidados da comunidade foi a *Yaba ancestral* Mãe Preta e o motivo de tê-lo recuperado é porque adentraríamos épocas muito difíceis, *muito densas*, e que seria necessário o *poder das guerreiras* para enfrentar esse novo ciclo.

---

10 A comemoração do Ano Novo não segue o calendário gregoriano. Ao contrário, pauta-se pelo início do equinócio de outono, que é dito na comunidade ser um processo de maturação da vida para o novo ciclo.

Seis mulheres da comunidade, todas negras, passaram pelo rito, que implicou no ofertório dos cabelos para a confecção das máscaras, chamadas *Geledés*, e uma série de ritualísticas a serem seguidas a partir de então, incluindo tabus alimentares e orientações comportamentais e de vestimenta. No início de 2016 houve a primeira manifestação aberta às pessoas externas das *Geledés*, com os Orixás de Frente dançando com suas máscaras. O próximo *rito das Geledés* acontecerá, segundo dizem, no próximo ano bissexto, mas as máscaras produzidas neste ciclo ritual serão apresentadas a cada comemoração de novo Ano.

No *Ano Novo Solar* de 2017 eu pude presenciar a celebração. Estávamos na área central do território, um descampado que existe entre as casas da comunidade, em círculo. Algumas das *Yas* e *egbomis* foram convidadas por *Ys*. a fazerem um círculo interno, de mãos dadas. A atmosfera estava permeada por uma espécie de tensão ritualística. Os tambores saudaram Xangô e um *orin*, um rezo sagrado, iniciou. O "*sopro da vida*", como nomeiam esse rito, teve seu início entre àquelas que encontravam-se de mãos dadas. Em uma dança circular de aproximação e distanciamento em torno do centro, onde havia um pequeno caldeirão de ferro com fogo, dançavam. O toque, assim como os corpos em movimento, iniciou em velocidade lenta e seguiu em um crescente de intensidade.

Aquelas que ficaram no círculo maior foram orientadas para dar a sustentação necessária ao que acontece ao centro. Os corpos em frenesi, dançavam em passos e movimentos acelerados, o tambor e as vozes que evocavam a força de Xangô estava no ápice da sua força. *Ys*. orientou o momento em que o círculo pode, enfim, ser desfeito. Rapidamente os Orixás romperam a corrente em giros constantes e gritos potentes. Eram gritos de guerra. Exu, Ogum, Oyá, Xangô e Omulu nos presentearam com seus movimentos ritmados. Logo algumas *egbomis* que encontravam-se na *sustentação* do rito conduziram os Orixás para a *casa Bio*, uma das casas que compõem a área central, enquanto os demais seguiram cantando e dançando. Quando retornaram, todos os Orixás trajavam belas máscaras bordadas com búzios e com longos cabelos costurados, cabelos estes ofertados por aquelas que participaram do *Rito das Geledés* em 2016. Giravam e distribuíam seu axé para todos os presentes. Os corpos dançantes eram de mulheres negras, fundadoras da Comunidade Morada da Paz, e a *força* invocada naquele ritual foi a força da *ancestralidade feminina*. É tempo de guerra. Uma *guerra cósmica*.

## O poder da criação

Foi em um desses momentos de orientação coletiva que se desenvolveu essa conversa com Mãe Preta. Ela nos contou, entre risadas e pitos de seu cachimbo, que Adão e Eva, personagens da Bíblia, existiram de verdade. "*Alguns dizem que não existiram, outros dizem que existiram... Mas existiram sim. Só que não é a história que contam por aí!*". Adão e Eva viviam juntos no paraíso, foram criados juntos, "*ela não saiu da costela do Adão, não!*". Conta que Eva e Adão se aproximaram de uma árvore frondosa, carregada de frutas. Disseram para ela não comer, mas ela resolveu arriscar. Quando Eva comeu a maçã ela descobriu algo incrível, que nunca alguém havia apresentado a ela. Ela descobriu o "*poder da criação, de desafiar o dado das coisas e de criar o novo*". Quando Eva comeu a maçã, segundo Mãe Preta, ela criou *outro mundo possível*. "*Dizem que é pecado, mas não é pecado não! Não sei de onde que tiraram esse negócio de pecado... Ainda dizem que ela foi expulsa do paraíso, mas ela não foi expulsa, não! Ela quem*

*resolveu sair!*”, diz entre gargalhadas. Foi só depois de Eva morder a maçã e descobrir o poder da criação que ofereceu a Adão, que resolveu segui-la.

Essa fala de Mãe Preta, contudo, me parece bastante conectada com outra fala que elaborou em um momento em que Seu Sete, manifestado no corpo de Ys., e Ogum beira-mar, manifestado no corpo de Ym., realizaram um *trabalho forte*. Logo depois que terminaram, Mãe Preta se manifestou em Ys. com o propósito de nos explicar o que havia acontecido. O trabalho realizado foi direcionado aos *omadês*, termo em iorubá para designar as crianças. Ali, Mãe Preta narrou sobre a diferença existente entre homens e mulheres e entre as duas *levas de bacuris* na comunidade. A primeira *leva* designa crianças que variam entre 7 a 17 anos e são todas mulheres, com exceção de Ay.. A segunda *leva*, com idade até cinco anos, é formada por meninos.

Disse-nos que o trabalho realizado tinha por intuito “*cortar as energias negativas*” que chegavam aos progenitores e que afetavam as crianças da segunda *leva*. Foi preciso *fazer um trabalho* com as mães e pais para que essas energias não alcançassem as crianças. Isso porque elas, que são meninos, têm maior dependência do que as da primeira *leva*. “*As mulheres vêm prontas, são mais firmes nas suas caminhadas*”, por isso vieram primeiro, para “*abrir os caminhos*”. Em contrapartida, os meninos não vêm prontas, “*não são tão firmes em seus propósitos*”, são mais suscetíveis as energias densas e por isso demandam maior atenção, disse-nos Mãe Preta. Em outro momento El. retomou a fala de Mãe Preta e explicou que existem diferentes relações de dependência entre os pais e as filhas e os filhos. Ainda que as primeiras venham “*mais firmes nas suas caminhadas*” do que os segundos, todos os seres estão sujeitos a relações com as ditas energias densas. A relação varia não em natureza, mas em intensidade.

Se num primeiro momento o *feminino* e o *masculino* são caracterizados por determinados atributos – como desbravar e cuidar –, é interessante perceber que essas qualidades são embaralhadas de acordo com as situações vivenciadas. E se há relação entre a mulher, enquanto um composto de características socialmente atribuídas, e o feminino, enquanto força, esses termos também são recombinações quando Mãe Preta nos diz que as mulheres vieram primeiro para “*abrir os caminhos*”, características que, a princípio, seriam da força do masculino. Ou, também, quando Xangô, a verdade e a justiça foram associados ao feminino. Penso, portanto, que o feminino e o masculino são cortes relacionais estabelecidos em uma mesma linha de continuidade que variam conforme as situações vivenciadas e são contextualmente acionadas.

Em outra situação, alguém próximo à comunidade questionou: “*o que caracteriza a Morada como feminina?*”. A resposta mais rápida foi dada por O. T., iaô da comunidade, pautada na ideia de que a comunidade é formada majoritariamente por mulheres, principalmente mulheres negras. Mas logo Mj., também iaô, ressaltou que havia também homens na comunidade e que ali trabalhavam com a ideia da complementariedade entre homens e mulheres, assim como das forças do feminino e do masculino. Logo Ik. contou a história da comunidade e o fato das mulheres negras serem aquelas “*que ficaram*”. Ik. seguiu em sua reflexão: “*a comunidade sempre foi uma força feminina, mesmo quando o número de homens era igual. Sempre se pensou como fazer, como falar, como conviver com mais cuidado, mais afeto, com mais flexibilidade*”.

O interessante de perceber aqui é que o *mais* acionado por Ik. denota, claro, que há um *menos* e que diz respeito ao “*mundo aí fora*”, como ela designou, caracterizado pela *força* do *masculino*, pois é marcado pela *inflexibilidade* - “*um mundo de violência, de mortes, de desrespeitos, de desigualdades, onde as*

*peças mal se olham*", disse com pesar. "Mas tem momentos que a energia masculina é importante pra comunidade", lembrou Mj., "por exemplo, quando se estabeleceu os princípios norteadores se precisou de uma força mais dura, mais inflexível". Consideração com a qual todas concordaram, ainda percebendo que, mesmo assim, o *masculino* acionado dentro da comunidade é diferente do *masculino* acionado *afóra*, porque existe em equilíbrio com o *feminino*. Apresentam-nos, novamente, a multiplicidade dessas formas.

*Feminino e masculino* não são tão evidentes e tão facilmente fixados em determinadas características, nem em corpos – o que permite que Ys. caracterize Bg. como o *homem mais feminino* e que Yb. desenvolva a reflexão de que ela, casada com Bg., expressa mais a *força masculina* na relação. O que acredito que seja importante de destacar é o fato de o *feminino* e o *masculino* só existirem quando em relação e sugiro que as características atribuídas a cada qual não são qualidades intrínsecas ou o que seria a 'essência' do *feminino* e do *masculino*, mas "imagens que possibilitam acessos"<sup>11</sup> (STARHAWK 1988: 88). Neste sentido, possibilitam contrastes e, principalmente, possibilitam ações no mundo. É dessa forma que a Morada constrói a si mesma através da imagem de uma *curandeira*.

O rito das Geledés nos mostra que mesmo a Morada da Paz não sendo do *enfrentamento*, atua em uma *guerra* através do *cuidado* e da *cura*. Isso denota uma dimensão fundamental de sua existência: atuar desta forma é uma "escolha política", concepção que recupero de bell hooks (1990). Ou seja, não se trata aqui de corroborar com uma ideia de 'papel natural' da mulher e da feminilidade, principalmente no que consiste às atribuições da mulher negra como mãe preta<sup>12</sup> através das definições dadas pelo poder colonial branco. É, antes de tudo, um modo de guerrear.

## Morada, uma *curandeira*

bell hooks, quando desenvolve a ideia de que o cuidado e a cura realizadas pela mulher negra norte-americana são "escolhas políticas"<sup>13</sup>, ela toma a casa, espaço de gestão da mulher, como lugar

11 O contexto a partir do qual Starhawk elabora sua reflexão é o neopaganismo norteamericano. Evidente que há inúmeras diferenças entre suas percepções sobre tais forças e as desenvolvidas pela Morada da Paz e destaque apenas uma que me parece central, mas o que me interessa aqui, sobretudo, é a atenção dada por Starhawk a essas forças: "As imagens, os símbolos, os aspectos, são chaves de entrada e não definições. Não há uma natureza masculina ou feminina subjacentes – há a realidade que experienciamos, nos nossos diferentes corpos, nos diferentes impactos que a cultura tem em cada sexo" (1988: 74)

12 Recupero aqui as palavras de Lélia Gonzalez sobre o papel da "Mãe Preta" sob os olhos do poder colonial branco e sua releitura: "... tanto a "mãe Preta" quanto o "pai João" têm sido explorados pela ideologia oficial como exemplos de integração e harmonia raciais, supostamente existentes no Brasil. Representariam o negro acomodado, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu segundo a maneira cristã, oferecendo a outra face ao inimigo. Entretanto, não aceitamos tais estereótipos como reflexos "fiéis" de uma realidade vivida com tanta dor e humilhação. Não podemos deixar de levar em consideração que existem variações quanto às formas de resistência. E uma delas, é a chamada "resistência passiva" (...) Mais precisamente, coube à "Mãe Preta", enquanto sujeito-suposto-saber, a africanização do português falado no Brasil (...) e, conseqüentemente, a própria africanização da cultura brasileira" (GONZALEZ 1982: 93-94).

13 Retomo as considerações feitas por bell hooks (1990) ao descrever a importância que as mulheres negras tiveram na gerência da casa – e nas práticas de cuidado e cura que ali se desenvolviam – para os processos de resistência da comunidade negra estadunidense. A autora diferencia as percepções teórico-políticas das mulheres negras das feministas brancas que, por sua vez, percebem a separação entre a vida pública e a vida privada, essa última concernente nas sociedades capitalistas patriarcais à mulher, como equivalente a vida política e a vida politicamente neutra, respectivamente. O que bell hooks sugere é que, na perspectiva das mulheres negras, o privado, o lugar da casa, do cuidado e da cura, não é politicamente neutro. Ao contrário, é um dos principais alicerces de resistência das famílias negras, contra a supremacia branca, capitalista e patriarcal. A *escolha política* emerge no texto de hooks não corroborando com uma noção de política "consciente" ou elaborada discursivamente, mas como uma prática fundamental para a existência e sobrevivência da comunidade negra.

de resistência e de fortalecimento da comunidade negra frente a sociedade de supremacia branca e capitalista. Mostra-nos que a luta das mulheres por ocupar espaços públicos, percebendo os espaços privados como politicamente neutros, diz respeito a uma concepção feminista branca que não condiz com a realidade das mulheres negras. Busca, portanto, revalorizar o papel dessas mulheres na gestão da casa e em sua atuação de cuidado e cura da comunidade negra como fundamentais para a luta contra a supremacia branca e capitalista.

Na Morada da Paz, cujo nome já carrega o sentido de ‘casa’, espaço protagonizado por mulheres negras, ocorre de maneira diferente. Poderíamos justificar essa diferença devido ao contexto histórico, onde o segregacionismo racial opera de diferentes modos nos Estados Unidos e no Brasil, onde a ‘miscigenação’, ferramenta do poder que camufla desigualdades, seria a resposta para o fato da Morada da Paz ser um espaço de cura e cuidado não restrita à comunidade negra. Acredito ser mais interessante se compreendermos a *cura* e o *cuidado* a partir dos termos da comunidade, em que a dimensão ecológica da *espiritualidade* ocupa papel central.

Quando uma mulher negra, estudante universitária, que frequentou a Morada da Paz durante um tempo questionou Ys. sobre a existência de brancos na comunidade, ela a respondeu: “*nós não sabemos quem realmente foi o feitor!*”. A existência de cada sujeito é compreendida para além dos envólucros identitários, pois adotam uma concepção *reencarnacionista*, entendendo que após a morte pode-se voltar a viver neste mesmo mundo através de novas identidades. O mesmo é dito para as diferenças de identidade de gênero, e as *Yas* frisam constantemente que desejam que mais homens participem da comunidade. Afinal, o que está em jogo, sobretudo, é um projeto *espiritual*<sup>14</sup> e uma *guerra cósmica*.

Por *espiritualidade* entende-se a existência e relação de uma série de seres que habitam o *cosmos*. O *cosmos* é o espaço por excelência da diferença e participam dele seres, forças, povos visíveis e invisíveis – humanos, flora e fauna, *entidades* (que engloba uma porção de divindades), *eguns* (espíritos dos mortos), elementares e outros tantos que muitas vezes nem se sabe nomear. A *mediunidade* possibilita que essa heterogeneidade se comunique – por conversas, visões, sonhos, sensações, incorporações, intuições ou canalizações (como uma pintura, uma escrita, um desenho, uma música). Mas o *cosmos* não é livre de perigos. Há *forças* que potencializam ações e sujeitos e outras que enfraquecem. Há *entidades* que são *aliadas* e outros *seres* que se deseja combater, pois afetam de forma destrutiva os sujeitos. Toda *cura* é uma forma de embate com essas *forças* e *seres* destrutivos.

Curam-se os sentimentos – como vimos no caso da solidão das mulheres -, curam-se os corpos físicos, cujas doenças são percebidas como oriundas de enfermidades que primeiramente se manifestam nos *corpos astrais*<sup>15</sup> constituintes da pessoa. Assim que entrei na comunidade, conversando com El., disse que havia tomado um comprimido para dor de cabeça na semana que passou. Ela me repreendeu

---

14 Quando conversava sobre o porquê de buscarmos o reconhecimento do território como território *kilombola*, Ik. disse-me que isso veio a partir da orientação de uma *entidade*, Baba Afra, com o intuito de preservar aquele território. Pois há um projeto de existência da comunidade para dez mil anos, conforme orientação de Baba Afra. Não sabem quem dará a continuidade necessária a comunidade, mas o objetivo, como disse-me Ik. é garantir “*os princípios e o propósito existencial da comunidade*”.

15 Dizem que há 20 corpos conhecidos, porém, as mais velhas me explicaram apenas os cinco principais: *átmico*, *búdico*, *vontade*, *mental*, *físico*. O dualismo cartesiano, constituinte da perspectiva ocidental, supõe a existência apenas do corpo mental (ou espírito) e físico. Na Morada, o conjunto integrado desses corpos é chamado de *corpos astrais*.

dizendo que seria melhor evitar o uso de medicamentos sem consultar as *Yas* e as *entidades* – aquelas que são aptas a avaliar se é o caso de uso dos fármacos e de receitar as dosagens de chás ou alimentos a serem ingeridos. Um dos motivos, disse-me ela, é a necessidade de conhecermos o nosso corpo e as causas de determinadas dores e mal-estares. Me ensinou, então, que a dor de cabeça pode implicar muitas coisas. Uma alimentação desregrada, energias que possam ter *atacado* uma pessoa próxima, ou ainda qualquer *energia densa* que tenha nos atravessado, nos *atacado*. Nestes últimos casos, a orientação que recebemos é *transmigrar*, com a ajuda do elemento fogo e orações, essas *energias*. Os fármacos, me explicou, nos impedem de ter consciência sobre o nosso próprio corpo e atuam nas consequências e não nas causas do malefício.

Eles são evitados, mas não são de todo negados. Mãe Preta diz que tem vezes que as enfermidades, que iniciam nos *corpos astrais*, afetam de tal maneira o sujeito que só com os medicamentos e conhecimentos dos *burros da terra*, dos médicos, para curar. Foi o caso que aconteceu, certa vez, com Ak.. Seu pé acabou desenvolvendo uma grande infecção. Foram feitas pastas de erva caseiras para o tratamento, benzeduras, mas não havia jeito de curar. Então Mãe Preta orientou que ela procurasse um *burro da terra* e, assim, iniciou o tratamento com antibiótico. A seriedade da questão me foi explicada por ela como fruto de um *feitiço* feito por seu ex-marido, por ela ter saído de casa e ido para a Morada. Informação que ela recebeu de Ogum de Malê, uma das *entidades* com as quais trabalha. Mesmo com a utilização de fármacos, continuou o uso de ervas, benzeduras e orações, pois são essas as ferramentas de *cura* que fortalecem os corpos da enferma.

A lógica que opera na comunidade é de que a saúde do corpo inicia com aquilo que ingerimos – tanto de ideias, sentimentos quanto de alimentos. O corpo precisa estar forte para não sucumbir aos *ataques*. Assim, segue-se uma porção de orientações alimentares trazidos pelas *entidades*, principalmente pelos *médicos do espaço*, dentre os quais Doutor Tchelo, que se manifesta em Ys., é um dos principais. Algumas orientações são individuais e outras são coletivas. Por exemplo, foi orientado para todos o consumo de beterraba e cenoura crua nas refeições. O motivo é porque esses dois alimentos são raízes e *servem para nos aterrar*, buscar uma conexão com a terra e aumentar a concentração e atenção. Já alimentos industrializados, alimentos transgênicos ou com agrotóxicos são evitados de modo geral. Mas nem sempre são possíveis de evitar, visto que a comunidade recebe muitas doações, pois os cultivos que realizam não são suficientes.

Enquanto conversávamos durante o almoço sobre os transgênicos, agrotóxicos e o modo como a indústria está se alastrando, Yb. comentou: “*por isso que a gente tem que irradiar pro alimento sempre! Irradia!*”. *Irradiar* é transmitir ao alimento aquilo que se deseja consumir para fortalecer os corpos através de orações. Para isso, como de praxe, em todas as refeições realizadas na comunidade, canta-se um *orin* trazido pela pomba-gira Elo como um mecanismo de *irradiação*. Mas *irradiar* é também, pelo modo como Yb. trouxe a questão, uma forma de combater o que vem junto com certos alimentos. Se o alimento está *carregado de energia densa* - como são caracterizados os transgênicos e os alimentos com agrotóxicos -, é preciso *irradiar* para fazer com que seu efeito sobre os corpos não seja destrutivo ou, pelo menos, tenha menos impacto.

A flora e a fauna também recebem *cuidado* e *cura*. Não foram poucos os movimentos de cuidado com cachorros que são constantemente abandonados na estrada que dá acesso ao território e

que muitas vezes são adotados pela própria comunidade. Isso porque a percepção *reencarnacionista* da Morada da Paz é aproximada à matriz budista, em que existe a possibilidade de se reencarnar das mais diversas formas<sup>16</sup>. Um exemplo disso foi durante o ano de 2016, quando uma situação profundamente dolorosa ocorreu na comunidade. Um jovem negro, parente próximo de algumas moradoras, foi brutalmente assassinado pelo tráfico da comunidade em que morava. Ele foi acolhido quando desencarnado pelas *entidades* que trabalham com a Morada da Paz, e Mãe Preta trouxe a informação de que ele reencarnaria como cachorro em sua próxima vida. Outro exemplo é uma *entidade* que volta e meia se apresenta na comunidade, trazendo notícias de outras localidades, chamado Laska<sup>17</sup>. Conta que em uma de suas encarnações veio como uma lasca de árvore e em outra como humano nascido na região fronteira do Rio Grande do Sul, e morto na Guerra do Paraguai.

Aliás, a relação que a Morada da Paz tem com os animais em geral é muito peculiar. Ali não são realizados sacrifícios animais e não se come carne, pois, como An. me explicou, seu consumo implica em “colocar para dentro de nossos corpos o sofrimento dos animais”. As galinhas e patos criados, fornecem ovos para consumo, mas “só morrem de velhice”. As cabras auxiliam com o pasto, mas também não servem de alimento. Apenas os peixes, que vivem no açude, são consumidos. Mas Yb. me explicou: “a gente conversou com o ‘ser dos peixes’ e, esses que estão no açude, aceitaram vir ao mundo para servir de alimento”. Houve, portanto, um processo de negociação espiritual para que pudessem ser consumidos.

Fato é que todo e qualquer animal não é morto, incluindo as aranhas que aparecem no interior das casas. São cuidadosamente retiradas dos locais e postas para o lado de fora da casa. Neste sentido, as crianças foram as minhas principais professoras. Já baratas e ratos, todavia, são caracterizados de outra forma. Por vezes são postos venenos para ratos pelos espaços, pois tem épocas que infestam os ambientes. Eles “servem ao... outro lado”, me disse certa vez AL., com ar misterioso, mas certificando-se de que eu entendi o que isso significava. Como servem? Eu perguntei. E ela contou que são seres que ficam nos “rodeando, escondidos, para ouvir o que estamos dizendo e saber o que estamos sentindo para aproveitarem disso”.

Essa perspectiva de *cuidado e cura* também diz respeito à flora local e aos processos de plantio. Assim que eu entrei na comunidade, próximo ao portão de entrada do território, havia uma pequena horta com moranga e hortaliças. Contudo, havia uma preocupação generalizada, pois elas não estavam vingando. Explicaram, então, que seria preciso saber o que estava acontecendo com ela, comunicar-se com a terra, para saber qual medida adotariam em relação à horta. Foi em um *ipadê* que Ys. comentou que fariam um *trabalho de transmigração* com a terra durante a semana. Foram até a horta, criariam um campo de concentração e ação a partir de defumações, orações e cantos, para “incorporar o ser da terra” e saber das suas necessidades. Assim que o processo foi finalizado, a mensagem recebida foi de que “a terra

---

16 Segundo aprendi na Morada da Paz, no Budismo Tibetano Mahayana acredita-se na reencarnação e desenvolvem a ideia de que são os hábitos de cada pessoa que designará o modo como reencarnará. Segundo Ys., isso não implica em ser mais ou menos evoluídos, ou seja, não há uma linearidade evolutiva entre as espécies. Implica apenas que talvez aquela forma permita ao sujeito ter certas experiências importantes para a sua caminhada espiritual.

17 Laska atua nos processos de guerra, nas regiões fronteiriças da América Latina e traz sempre notícias do que acontece no mundo. Ainda que tenha tido uma vida na terra, não é considerado um *egum*, mas uma *entidade*.

*precisa de descanso, o solo tem que ser renovado*”. Por isso decidiram transpor aquela horta para outro espaço do território e utilizar aquele local para a criação de um pomar com laranjeiras e bergamoteiras.

*Curar e cuidar* também se vincula a outros aspectos. Por exemplo, todo o trabalho de recuperação do solo no território, solo esse marcado pelo plantio de eucalipto. Nos dezesseis anos da comunidade conseguiram reflorestar, com a mata nativa, uma boa porção de terra que antes era utilizada para monocultura de eucalipto. Um pequeno córrego que hoje perpassa a mata, ligada à fonte utilizada para consumo, antes era inexistente. Voltou a correr a partir do *cuidado* com a mata nativa. Seu P., agricultor que há alguns anos vive na Morada da Paz ainda que não participe da vida espiritual da comunidade, certa vez comentou comigo sobre as dificuldades de cultivo naquela terra. Por conta de tantos anos de monocultura de eucalipto, produzida pelos antigos donos, a terra ficou *fraca*. Disse-me que se colocassem fertilizantes químicos na terra ela poderia vingar mais, mas as *Yas* orientaram que esse processo fosse apenas com compostagem e com fertilizantes orgânicos. Por isso a recuperação da terra é mais lenta. O uso de químicos é pensado, na Morada, da mesma forma que o uso de fármacos no corpo: atua nas consequências e não nas causas do malefício.

Certa vez, Bm. e Bg. foram representando a comunidade em um Encontro de Agrofloresta, onde havia pesquisadores e extensionistas de Universidades e comunidades locais. Perguntei para Bg. como havia sido e ele disse, sem muito ânimo, que “*é aquela coisa de universidade, né*”. Contou que, para ele, tudo aquilo que falavam e que colocavam como agrofloresta nada mais é do que *conhecimento ancestral*. *Ancstralidade*, neste contexto, acionada por ele em referência aos povos indígenas e negros. Perguntaram a ele se na Morada da Paz havia um espaço destinado à agrofloresta e Bg. respondeu que na Morada não existia “*um espaço para agrofloresta*”, pois tudo é. O girassol que se planta na entrada do território chama abelha e, portanto, polinização que, por sua vez, afeta a plantação de milho que tem lá perto do açude. Essa visão compartimentada da agrofloresta, ele seguiu me explicando, é dar razão a uma ideia que não percebe que tudo está em relação: “*quiseram saber quantos hectares têm a Morada*”, disse rindo, “*mas a Morada é tudo!*”. É por conta dessa perspectiva que Bg. disse, durante um Plantio ComVida – uma atividade destinada às pessoas externas para um mutirão de plantio - “*quando a gente cuida da Morada a gente tá cuidando de toda a Terra, que é nossa Mãe, porque pode até ter uma cerca ali, mas está tudo em relação*”, “*a gente cuida da terra e ela cuida da gente*”.

O que fica evidente é que os processos de *cura* e *cuidado* perpassam os mais diversos sujeitos, humanos, a fauna, a flora, e também os *eguns*, os espíritos dos mortos. Os *eguns* são aqueles que vagam, perdidos, no mundo, pois “*ainda não encontraram o caminho*”. Alguns, inclusive, nem sabem que morreram. Estes são cuidados e encaminhados principalmente nos *Muzunguês* e nas *Quintas do Axé* – espaços dedicados aos atendimentos espirituais de pessoas externas que vão até a Morada para *receber um axé*. Como costumam dizer ao fim de cada *Muzunguê*, “*cada pessoa que chega até a Morada traz consigo um mundo*” composta por *entidades, forças de luz, por seres e energias densas, por eguns* que vagam e se aproximam dos humanos como forma de ter acesso ao mundo terreno e *que servem a todos os lados*.

Além de englobar uma multiplicidade de seres em relação, é notável que a *cura* e o *cuidado* operam nas mais variadas situações. Quando pessoas dirigem-se ao território para uma vivência no *kilombo* – como muitos integrantes dos movimentos negros –; ou quando grupos escolares dirigem-se

à comunidade, que desenvolve ações de educação ambiental e afro-brasileira – principalmente escolas da rede pública de ensino; ou quando deslocam-se para ações em escolas, comunidades, universidades, as pessoas da comunidade dizem *estar a serviço da espiritualidade*, portanto, dos processos de *cura* em relação às “*dores do mundo*”, onde o machismo, o racismo, agressões ao meio ambiente fazem parte. Por conta disso que cada deslocamento realizado ou cada visita feita no território são precedidas de rituais de *transmigração*.

Ocorre também por orientação das *entidades*. Como no caso aqui narrado sobre a solidão das mulheres, há orientações das *entidades* que alertam para os variados *ataques* que tem acontecido no mundo. Um deles, trazido por Laska, foi sobre as *forças* que querem se adonar e destruir os recursos naturais existentes da Amazônia Azul. Pediu, então, para que cuidássemos das fontes de água existentes no território da comunidade e *irradiássemos* para os povos que são diretamente impactados naquela região. Dessa forma, os atos de *cura* e de *cuidado* englobam uma multiplicidade de outros compreendidos de uma forma ecológica, visto estarem em constante relação. São estratégias adotadas frente a *guerra cósmica* em que a *irradiação*, enviar energia de fortalecimento para outros, e *transmigração* desempenham papel central.

Acredito que ao longo do texto tenha ficado bastante evidente o conceito de *transmigração* e o modo como ele é utilizado nas práticas da Morada da Paz. *Transmigrar* é mudar o estado das coisas, é afastar os *seres e energias densas*. Tomemos o exemplo de uma enfermidade qualquer. O corpo, quando está com uma temperatura muito elevada, não encontra-se em seu estado saudável. É preciso, portanto, tomar as medidas necessárias – seja com chás, xaropes ou os remédios dos *burros da terra* -, mas principalmente localizar o que está causando a febre e *transmigrá-la* – um acontecimento inusitado, uma briga, uma comida, um desconforto, um olhar podem ser meios através dos quais *ataques* acontecem. A terra para plantio, quando não está vingando, também não encontra-se saudável. É preciso, portanto, realizar o mesmo processo de localização das causas para poder *transmigrá-la* – o abuso da monocultura é uma das causas. Quando acontece qualquer desavença entre dois membros da comunidade e que é percebido por um terceiro, logo vem a orientação: “*vão para a fogueira!*”. Porque o fogo é o elemento fundamental de todo e qualquer *trabalho de transmigração*.

O fogo tem a capacidade de transformar o estado das coisas: a madeira que vira brasa, o papel que vira cinza, os sentimentos que precisam ser transformados e são jogados ao fogo em gestos com as mãos, estalos de dedos e orações específicas. Mas a *transmigração*, não é a *cura*. É um processo pragmático, mágico, que visa a *cura*. O conceito é acionado constantemente nas mais variadas situações<sup>18</sup>, mas é nos *trabalhos de transmigração* que repousa sua maior seriedade e seu maior sentido. Esses trabalhos estão vinculados aos chamados *seres*. Esses não são como os *eguns*, pois sua atuação serve a uma finalidade, tem uma intenção e um propósito. São *seres das trevas* que se *plasmam* nas coisas, nas pessoas, nos ambientes e situações. Evita-se constantemente falar sobre para não atraí-los. Quando nos *trabalhos*

---

18 Lembro-me que estava auxiliando a feitura do almoço e Yb. me pediu, em tom de brincadeira, para fazer um *trabalho de transmigração* com as batatas que receberam de doação. Muitas delas estavam podres ou machucadas e seria preciso selecioná-las e limpá-las para o consumo.

de *transmigração*, eles não se apresentam por livre e espontânea vontade, por isso é preciso *buscá-los* sempre que necessário – visto algum malefício causado.

Utilizam-se de uma troca de olhares, uma palavra, um sonho, um alimento, um acontecimento, uma doença. São muitas as formas de *ataques* que esses *seres* realizam. Se a Morada da Paz entende que toda pessoa é um *canal*, entende portanto que é continuamente atravessada por forças de *todos os lados*. A série de ritos, de orientações de alimentação, de *transmigração* na fogueira, de limpezas, vigiância constante sobre seus próprios pensamentos e sentimentos orientadas a todos da comunidade, por exemplo, servem para não permitir que estes *seres* se utilizem dos sujeitos e das situações para suas finalidades que, para a Morada, são sempre destrutivas.

Estávamos nós em um rito fechado de preparação de *objetos de poder*. Em um dado momento, em relação a esses objetos, El. nos diz que precisávamos tomar cuidado com as perguntas externas sobre esses mesmos objetos, “*porque a curiosidade pode ser perigosa, pois não sabemos a intenção*”. Ela continuou. Muitas vezes, a pessoa que faz a pergunta não faz com nenhuma intenção de maldade, “*mas há seres que se aproveitam disso*” para seus objetivos. Ou seja, *usam* de situações, pessoas, palavras, para cumprirem seus objetivos que são, evidentemente, opostos aos da Morada da Paz. Lidar com esses *seres* nos processos de *transmigração* é lutar contra *as trevas*, cujo objetivo é produzir no mundo, como fui ensinada, controle, devastação, ódio e dor. Nos *trabalhos de transmigração*, que ocorrem sempre com processos de *incorporação*, todo o movimento de busca desses *seres* tem uma finalidade de fazer com que saiam das *trevas*. Ys. sempre nos diz que se a unidade, e a disciplina necessária para construí-la, é fundamental para os que servem a *luz*, é importante perceber que “*nas trevas também tem unidade*”.

Suas manifestações são violentas, o ambiente fica pesado e lembro de sentir isso principalmente na densidade da respiração. Era sobre isso que El. se referiu quando comparou os trabalhos da Morada ao encontro da J., militante feminista, com a Política Militar em Brasília. Nem todo médium tem as condições necessárias de adentrar certos mundos para *buscá-los*, ou seja, condições de “trabalhar na zona do agrião”, como costumam dizer de forma jocosa na comunidade. Mas também nem sempre é claro quem tem essas capacidades e quem não tem. São procedimentos profundamente perigosos e densos. E um dos seus perigos é da pessoa não voltar inteira, como em algum momento comentou My.. Ou seja, parte dela fica atrelada a essas energias densas, podendo levar a inúmeras consequências trágicas. Por isso os processos de limpeza, após os trabalhos de *transmigração*, são fundamentais. Ou seja, toda cura, que engendra processos pragmáticos de *transmigração*, configura uma *guerra cósmica*.

## *Cura como cosmopolítica*

A tentativa aqui foi suspender a noção de sistema de gênero como um artefato universal de análise, para entender de que modo a comunidade Morada da Paz, *as que ficaram*, pensa o *feminino*. A partir disso, descrevi como o *feminino* se apresenta enquanto *força* que existe em constante contraposição com o *masculino* – cujas atribuições e diferenciações apresentam-se pragmaticamente de formas múltiplas, relacionais e situacionais. Desenvolvi como a *força do feminino* é posto em ação, fazendo da Morada uma *curandeira*. Porém, longe de apresentar-se como um lugar de passividade, a *cura* e o

*cuidado* são os modos através do qual participam de uma *guerra cósmica*. Nesta guerra, uma multiplicidade de seres encontra-se em relação, produzindo uma percepção ecológica, de “interconexão de toda a vida” (STARHAWK 2002: 231), em que os sujeitos não são pensados apartados do que comumente chamamos ‘natureza’, ao contrário, são constantemente afetados por essas exterioridades.

A relação que estabelecem com a terra, com os alimentos, com os fármacos e químicas, com as *entidades* e *seres* nos permite perceber uma outra formulação, que se distancia radicalmente da percepção compartilhada pelo Ocidente do que é ‘natureza’ - nos termos de Latour (2004: 54), como aquilo “que permite recapitular em uma só série ordenada a hierarquia dos seres”, oriundos de uma separação entre o que seria objetivo e subjetivo. O que convencionalmente chamamos ‘natureza’ age e atua nos corpos dos sujeitos e estes, igualmente, agem e atuam nela através da *cura*. Negam tanto a ânsia de controle e anulação destes outros para obtenção de resultados – como, por exemplo, o uso de fertilizantes químicos para apressar a produção -, quanto negam qualquer imaginário romântico de preservação a uma natureza harmoniosa que não deve ser tocada, a colocação de Al. sobre ratos e baratas nos demonstra disso. Sobretudo, a *cura* nos traz outro modo de relação.

Também nos dizem que, do modo como entendem, não é possível separar as bases materiais, a terra, os alimentos e seus venenos, os sentimentos produzidos por políticas de violência – como o caso apresentado da solidão das mulheres - da *espiritualidade*, do conjunto de seres e *forças* que povoam o *cosmos* e que afetam os sujeitos. Shiva e Mies contrapõem esta inseparabilidade da política e da espiritualidade ao que chamam de “espiritualidade do primeiro mundo”<sup>19</sup> que, para elas, se tornou um nicho de mercado, “a ‘cobertura de açúcar’ idealista do ‘bolo’ material do padrão de vida ocidental” (SHIVA e MIES 1993: 31). Esta última, caracterizada por elas pelo consumo de um conjunto de elementos esotéricos ou extraídos de povos não-ocidentais tornados puramente mercadorias, querem “simplesmente ‘comida sem suor’, não se preocupando de onde vem nem de quem é o suor que envolve” (idem 1993: 32).

Em contraste com essa perspectiva, aquilo que enquadraríamos como questões políticas, participam, nos termos da Morada da Paz, de uma *guerra cósmica*. Digo participam, pois seria errôneo afirmar que a *espiritualidade* vivida na Morada da Paz, ‘no fundo’, é política – com seus problemas, seus programas e seus discursos estabelecidos. Não poderíamos reduzir a ação da pomba-gira Elo e seus discursos de empoderamento à luta contra o machismo, ainda que passe por isso. Assim como o contrário, em que a política fosse reduzida à *espiritualidade*, e com isso dissolver suas particularidades em todo indiferente. Não poderíamos dizer, igualmente, que a luta contra o machismo é, na verdade uma *guerra cósmica*, pois seria ignorar toda uma gramática particular dos movimentos feministas. Ainda que, para a Morada, a luta contra o machismo possa servir à *guerra cósmica* do qual participam. O que o *feminino* e a *cura* nos obrigam a pensar é que se a *espiritualidade* não é política, bem como a política não é *espiritualidade*, há política na *espiritualidade*, assim como há *espiritualidade* na política. Produz-se um certo agenciamento capaz de fazer insistir a presença de uma “multiplicidade de outros” na política. A cura, portanto, como cosmopolítica (STENGERS 2014).

---

19 “Primeiro” e “terceiro mundo” são conceitos utilizados sem qualquer nota explicativa. Termos que me parecem pouco potentes para dar conta das complexidades dos fluxos religiosos e espirituais, na medida em que homogenizam as experiências através de uma separação geopolítica.

O conceito cosmopolítica é proposto pela filósofa da ciência Isabelle Stengers em um exercício de pensar a relação entre Ciência e Política. O termo não trata simplesmente de uma relação entre cosmologia e política e nem supõe que o cosmos seja um "mundo comum" partilhado em uma paz perpétua. Isso porque, nos diz a autora, esse mundo que nos detemos a conhecer os 'fatos', através das ferramentas técnicas da Ciência moderna, são os 'nossos' saberes, mas também estão investidos dos 'nossos' valores. E não basta o 'respeito pelos outros' ou 'igualdade de direitos' para excluir essa diferença. Nesse sentido, cosmopolítica não pretende definir o que é o 'Bem' para um mundo comum.

O cosmos, tal como figura no termo cosmopolítica, designa o desconhecido destes mundos múltiplos, divergentes; as articulações que poderiam chegar a ser capazes, contra a tentação de uma paz que se quer final, ecumênica, no sentido em que uma transcendência teria o poder de exigir ao que diverge que se reconheça como uma expressão meramente particular do que constrói a convergência de todos. (2014: 22)

O cosmos, para a autora, surge como um "operador de igualdade", quando entendemos operar como "criar uma inquietude das vozes políticas", "uma sensação de que a arena política está povoada por sombras do que não tem, não pode ter ou não quer ter voz política" e que, portanto, não cumpriria nenhuma das exigências da política – expressar os objetivos ou as propostas para a construção de um mundo comum. Cosmopolítica, dessa forma, não tem a ver com um programa consolidado, mas com um "espanto", que obriga à política o questionamento: afinal, "o que estamos fazendo?" Seria possível reduzir toda criatividade desenvolvida pela Morada à designação de sistema de gênero? Seria possível reduzir suas relações com o mundo de não-humanos à nossa perspectiva do que é 'natureza'? Dar uma dimensão cosmopolítica aos problemas políticos não diz respeito às respostas que obteremos, mas as perguntas que são postas, onde o pensamento coletivo é construído 'em presença' daqueles que fazem existir sua insistência. O que a *cura* nos apresenta, através do qual a Morada da Paz trava uma *guerra cósmica*, é um modo criativo de resistência<sup>20</sup> que produz, e faz insistir, outras imagens do pensamento sobre o feminino, sobre a natureza e sobre suas relações.

*Luiza Dias Flores é doutoranda em Antropologia Social no Museu Nacional/UFRJ.*

---

20 Lorena Cabnal e de Bernarda López, indígenas maya-xinka e auto-identificadas como feministas comunitárias, realizaram recentemente uma entrevista denominada "La sanación como camino cósmico-político". Nessa entrevista, narram suas experiências com a *Red de Sanadoras Ancestrales* da Guatemala, coletivo criado como um espaço de fortalecimento e cura entre mulheres indígenas, principalmente do meio rural, a partir de seus conhecimentos ancestrais maya-xinka. Para elas, a resistência baseada na cura permite que um ritual de mulheres possa servir para curar a si, as feridas que atingem as mulheres ancestrais que as habitam e as mulheres que sofrem ao redor do mundo. Diz Lorena Cabnal: "a cura como caminho cósmico-político nos convoca a sentir não apenas o corpo, como temos, de uma maneira consciente, uma memória corporal como as enfermidades, como também o que a psicologia ocidental coloca. Além de uma subjetividade há uma quantidade de memórias para curar e é justamente aí que as diferentes opressões se instalaram em nós. (...) Para nós é importante fazer uma reconexão com a natureza. O sistema patriarcal nos mutilou praticamente os afetos e as formas de curar com a natureza. Se impõe um sistema capitalista, que mercantiliza a natureza (...). Então recuperar a sabedoria dos povos, das mulheres, das diferentes práticas ancestrais para a vida, creio que também é um ato político de resistência" (acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TZlsGfoe328> - transcrição e tradução feitas por mim).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELL HOOKS. 1990 "Homeplace (a site of resistance)". In: *Yarning: Race, Gender and Cultural Politics*. Boston: South end Press.
- DELEUZE, GILLES; GUATTARI, FELIX. 1997. "A cerca do ritornelo". In: *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo: Ed. 34.
- LATOUR, BRUNO. 2004. *Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC.
- GONZALEZ, LÉLIA. 1982. "A Mulher Negra na Sociedade Brasileira". In: *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- LUGONES, MARIA. 2008. "Colonialidad y Género". *Revista Tabula Rasa*, n. 9. Bogotá: Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca.
- \_\_\_\_\_. 2011. "Hacia un feminismo descolonial". *Revista La manzana de la discordia*, vol. 6, n. 2. Cali: Centro de Investigaciones y estudios de género, mujer y sociedad.
- MIES, MARIA E SHIVA, VANDANA. 1993. *Ecofeminismo*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget.
- OYERÚMÍ, OYÈRÓNKÉ. 2017. *La invención de las mujeres*. Bogotá: editorial en la frontera.
- PACHECO, ANA CLÁUDIA. 2013. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Coleção Temas Afro. Salvador: EDUFBA.
- SOUZA, CLAUDETE ALVES DA SILVA. 2008. *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-SP. São Paulo.
- STARHAWK. 1988. *Dreaming the Dark: magic, sex and politics*. Boston: Beacon Press.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Webs of power*. Gabriola Island: New Society Publishers.
- STENGERS, ISABELLE. 2014. "La propuesta cosmopolítica". *Revista Pléyade*, n. 14. Santiago de Chile: Centro de analisis e investigación política.
- ZOURABICHVILI, FRANÇOIS. 2004. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

**“A MORADA É UMA CURANDEIRA”: O FEMININO ENQUANTO FORÇA**

**Resumo:** A partir das provocações do feminismo descolonial a cerca de outras formas de relação que não pautados pelos sistemas de gênero e de sexo, trago a cosmopolítica desenvolvida na comunidade *kilombola* Morada da Paz, a partir do trabalho de campo que realizei durante o doutorado. Descrevo que o *feminino* concebido na comunidade se apresenta como *força*, ou seja, como algo que tem poder de ação no mundo. Essa ação é produzida principalmente através do *cuidado* e da *cura*, o que faz da Morada da Paz uma *curandeira*, que são elaborados a partir de uma perspectiva ecológica. Através da *cura* e do *cuidado* uma *guerra cósmica* é travada.

**Palavras-chave:** feminino, cosmopolítica, quilombos, ecologia.

**“THE ABODE IS A HEALER”: THE FEMININE AS A FORCE**

**Abstract:** From the provocations of decolonial feminism to other forms of relations that are not based on the gender and sex systems, I bring the cosmopolitic developed in the *kilombola* community Morada da Paz, from the field work I did during my Phd. I describe that the *feminine* conceived in the community presents itself as a *force*, that is, as having power of action in the world. This action is produced mainly through *care* and *healing*, making Morada da Paz a healer, which are elaborated from an ecological perspective. Through *healing* and *care* a cosmic war is waged.

**Keywords:** feminine, cosmopolitic, quilombos, ecology.

RECEBIDO: 16/08/2018

APROVADO: 15/10/2018

